



**PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS**  
 AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL



# Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN 15 de Abril de 2006 • Ano LXIII • N.º 1620 Preço: € 0,30 (IVA incluído) Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO Fundador: Padre Américo • Director: Padre Acílio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913 Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285 Fax 255753799 - Email: obradarua@iol.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239



Eles sempre foram a nossa Páscoa.

## Páscoa

É a nossa passagem por este mundo com os olhos postos na Terra Prometida!

Carregando os pecados do nosso tempo e os nossos, à maneira do Mestre, isento da miséria humana, fazemos a nossa experiência de caminho para Jerusalém.

O Mistério Pascal desvenda-se para cada homem com muito mais realismo na medida em que se vive do que na forma como se celebra.

Não admira que os discípulos de Jesus e o Povo amigo tentasse desviá-lo do Caminho para a Cidade Santa. O sofrimento sempre meteu medo ao homem.

A Páscoa comemora-se mais como festa de vida ressuscitada do que da transição pela dor e morte com o retorno à vida. É um mistério inexplicável, contraditório e repugnante.

Na segunda semana da Quaresma, a morte da Maria da Luz vem avivar-nos a lembrança de que a nossa vida é passageira e de que a Eternidade implacavelmente nos aguarda.

Uma vida toda cheia de Luz, como referia o Padre João, numa ânsia incontida de perfeição e dádiva para lá chegar.

Tenho conhecido poucas almas com tão admirável e determinado desejo de serem perfeitas como esta Mãe que nos serviu dos 21 aos 83 anos. Santa escondida de que ninguém falará, mas que no Céu veremos muito mais acima de outras nomeadas, aclamadas e propostas à beatificação. Também aqui se encontra o específico da Obra da Rua. Quanto mais «rasteirinhas», como dizia Pai Américo, mais fecundas.

O João Paulo fugiu, como muitas vezes tinha acontecido. Acolhêmo-lo na Casa de Setúbal desde os 8 anos e enraizámo-nos nele.

Era uma amizade que ia crescendo mais, sempre que voltava das suas fugas.

Numa delas, andou por lá 18 meses, até que tendo roubado no Colombo, em Lisboa, foi apanhado e

levado à Polícia, onde se safou, dizendo que era da Casa do Gaiato.

A sua família compõe-se da mãe infantilizada e o irmão, dois anos mais velho, maduro, humilde, mas atrasado. Moram em Rio de Mouro, num andar onde várias vezes a paróquia e eu lhes ligámos a água e a luz que agora estão, de novo, cortadas.

Uma vez que fugiu de Paço de Sousa, fui lá buscá-lo, num tiro de ida e volta. Tornou a fugir e a Comissão de Protecção de Menores, por alguma pessoa consciente, pô-lo de novo cá.

Pelo Natal foi a casa, com minha licença e voltou por seu pé, enchendo-me de júbilo.

Na escola, com 15 anos, boa capacidade, no 5.º ano, nenhum interesse. A escola mudou-o de turma para o subtrair às péssimas companhias que sempre o atraíram.

— Como andam as coisas João? — perguntava-lhe sempre com uma meiguice paterna, ao chegar de Lisboa.

- Andam bem!
- Mas andam mesmo?
- Andam!

Dava-lhe uma palmada no peito, afectuosamente, e deixava-o com profunda inquietação, pois sabia, pelo Padre Manuel Mendes, da sua alienação.

Na Banda de Música era o melhor clarinete. Duas horas de estudo bastavam-lhe para tocar a peça mais complicada. O professor chamava-lhe a «Toupeira». Entrava na música com a mesma facilidade e profundidade com que uma toupeira fura a terra macia!...

No princípio da Quaresma, voltou a fugir. Uma profunda angústia me invadiu! Tanto sonho! Tanta esperança... Tudo de balde!

Não. Não o vou buscar. É errado. 15 anos! Plena adolescência! À força faz-se um revoltado contra nós. Se a autoridade civil competente o entregar, recebê-lo-emos. Mas ir buscá-lo, não.

Continua na página 3

### Moçambique

## Testemunhos

FOMOS visitados, nesta passada semana, pela Ministra da Agricultura, Pescas e Alimentação, de Espanha. Com ela, os vice-ministros, o Senhor Embaixador e demais pessoal do Ministério e da Cooperação Espanhola, com quem trabalhamos há 14 anos. A razão creio que é sabida. Nós somos, talvez, o maior parceiro, em Moçambique, da Cooperação Espanhola no que se refere a estruturas de atendimento a crianças pobres (Creches e Berçários), à Saúde materno-infantil, nos Postos de Saúde, ao desenvolvimento agro-pecuário, à construção de casas melhoradas, a iniciativas económicas individuais e colectivas, e ao ensino primário e secundário, quando as pessoas já não têm hipóteses de ir mais adiante. Enfim...

Ora o senhor Embaixador, na primeira visita, algumas vezes muito discretamente, enxugou as lágrimas e ficou tão agradado que disse nunca viria aqui oficialmente como Embaixador, mas sempre como amigo da Família... Isso nos desvanece muito pela consideração que tem pelo nosso trabalho e

atenção pelos Rapazes, porque verdadeiramente são eles a Casa do Gaiato.

Desta vez deixaram-nos, no Livro de Visitas que ultimamente resolvemos adoptar, dois depoimentos.

Um diz assim:

«É difícil plasmar em algumas palavras o labor que estão desenvolvendo. Animo-vos a seguir, lutando por um fim a que todos devemos e podemos contribuir e em que o Governo de Espanha tem um especial interesse: o objectivo do milénio. Assina Elena Espinosa Mangana.»

O outro:

«Como sempre que venho a este lugar, impressiona-me a Obra que se está desenvolvendo. Resumo nos sorrisos dos seus pequenos habitantes a esperança de um futuro cheio de encanto para Moçambique.»

A grande Família da Casa do Gaiato é o modelo e germen da

Continua na página 3

## PADRE AMÉRICO

### Páginas Escolhidas

É a segunda vez que experimento a crueldade deste trabalho de escolher textos de Pai Américo para uma revisão a publicar. É que escolher quer dizer rejeitar um face a outro, um que num momento me parece mais expressivo, mais lapidar, mas sempre na dúvida de qual seria de preferir e com a certeza de que em outro momento era capaz de me parecer o contrário.

A primeira vez foi quando D. Maria Palmira Duarte, obreira do *a porta aberta* que nós mesmos editámos, depois daquele soberbo e prestígio máximo «Índice comentado cuja função é apresentar uma síntese ou visão esquemática da pedagogia do Padre Américo», me pediu que a ajudasse na selecção dos textos que deveriam ilustrar cada item do referido Índice. Propunha-me um extenso conjunto deles, mas só alguns poderiam chegar a ser impressos pelo risco de tornar o livro muito volumoso, o que, também pedagogicamente, não convinha, dado que todos o queríamos de larga expansão.

«Este livro tem uma história», confessa-nos a sua Autora. «Nasceu de um contraste dolorosamente evidenciado depois de uma visita a um asilo de onde saí muito impressionada. (...) Nesse dia de 1953 comecei-o». Leu e releu O GAIATO, foi anotando princípios e orientações de Pai Américo que melhor evidenciavam a sua resposta aos problemas da criança abandonada; e, «deslumbrada com a graça das descrições, com a sensibilidade perante o sofrimento dos outros, com a simplicidade e profundidade dos conceitos, com a riqueza da expressão objectiva, com a sabedoria dos métodos utilizados»; e para «não traír esta pujança de vida» — resolveu escrever um livro «em que tudo fosse dele: o título, o nome dos capítulos, os textos; e dela só fossem os critérios de selecção, a

Continua na página 3



# Pelas CASAS DO GAIATO

## Conferência de Paço de Sousa

**FALECEU** — Uma mulher, de cinquenta anos, habitante duma casa do Património dos Pobres, em Paço de Sousa, com doença cardíaca.

Curiosamente, residia numa outra, em frente, cujos pais e restante família, naquele tempo difícil para os mais carenciados, ali ficaram até que o Senhor os chamou.

A pobre mulher sentia na alma grande amor por viver naquele lugar e, por isso, conservou sempre a própria habitação com excepcional limpeza e arrumação, pejada de flores do seu pequeno jardim.

Recordamos como Pai Américo construiu esse bloco de moradias e entregou por suas mãos a essa família uma de três que aí levantou. Sabe Deus a alegria dessa gente e de Pai Américo a servir os Pobres!

**CONCEITOS DE POBREZA** — «O conceito de pobreza não é um conceito estático, tem sofrido sucessivas alterações ao longo do tempo, acompanhando a própria dinâmica do processo evolutivo da sociedade. Ilustrativo deste facto é a própria definição de Pobreza Absoluta de Rowntree que, num primeiro estudo, em 1901, define pobreza como 'despesa mínima necessária à manutenção da saúde meramente física' (alimentação, vestuário, combustível, renda (de casa) e rubrica de 'necessidades essenciais diversas') e vindo, mais tarde, em 1936, a alargá-lo incluindo aspectos de natureza social e cultural. Numa data mais recente, 1980, no Relatório do Banco Mundial, refere-se explicitamente necessidades e termos de educação e saúde; 'condição de vida de tal modo caracterizada por subnutrição, analfabetismo e doença que fique abaixo de qualquer definição razoável de decência humana'.

Em 1969, num Relatório das Nações Unidas é apresentado um conceito de pobreza que abrange necessidades:

Fisiológicas: '... satisfazer as suas necessidades fisiológicas de alimentação, abrigo e vestuário de modo suficiente para a sobrevivência fisiológica.'

Legais: '... respeitar as leis e normas da sociedade (por exemplo, as normas habitacionais, as leis sobre o pauperismo, as leis fiscais, etc.)'

Sociais: '... atingir o mínimo de aceitação social e desenvolvimento pessoal.'

Na nossa opinião, aqui já se nota um certo relativismo do conceito de pobreza, ao referir aspectos ligados ao grau de integração das pessoas na vida da sociedade, nomeadamente a um nível legal e social. Na verdade, como Alfredo Bruto da Costa refere "... o próprio conceito de pobreza absoluta implica, na prática, um certo relativismo. Os critérios de escolha das 'necessidades alimentares' e do 'nível adequado' de satisfação dessas necessidades, numa determinada sociedade e num dado momento, estão relacionados com o sistema de valor vigente..."

Pobreza relativa é um conceito que resulta da comparação entre níveis de vida de certas pessoas face aos costumes e hábitos de uma sociedade. Há uma certa preocupação com padrões de vida em geral, não em termos de

satisfação de necessidades básicas, mas em termos de grau de integração das pessoas na vida da sociedade: 'A pobreza relativa implica (...), uma integração insatisfatória ou mesmo exclusão dos povos.'

Esta noção de exclusão, focada por diversos autores, ao ser considerada como uma característica específica da pobreza, permite resolver a identificação errónea que, por vezes, se faz entre desigualdade e pobreza.»

**PARTILHA** — Assinante 79816, Penacova, 20 euros «para o que entenderem, e bem precisam para fazer tanto bem. Deus vos ajude».

Mais 20 deles, da assinante 24851, de Oeiras, sublinhando a Santa Páscoa, «para as contas da farmácia, das pessoas idosas, reformadas que não têm dinheiro para medicamentos». No mês de Março pagámos, na farmácia, quase quinhentos euros!

Setúbal, 100 euros, da assinante 19354, «para acertar as minhas contas d'O GAIATO. E quem dera que houvesse no País quem amasse, sem fazer contas ou política. Certamente estariam melhor». Muito bem!

Mais vinte euros, de Abrantes, assinante 76409, para a conta da farmácia «dos mais necessitados e peço para lembrarem a alma de minha querida Mãe e seus pais». Cumprimos!

Outro mais, do assinante 53241, do Luso, «com 60 euros, aos quais darão o destino mais conveniente, face às necessidades dos mais carenciados».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

## Paço de Sousa

**BATATA** — Temos andado a efectuar a plantação da batata, nos campos da quinta do Mosteiro e nos campos novos. Esperamos que o tempo ajude para que haja batata de qualidade e em quantidade, que o ano passado foi fraco.

**BALNEÁRIO** — A etapa do telhado do balneário já está na recta final. Alguns alunos do Colégio Luso-Francês, do Porto, resolveram entregar parte do produto de uma festa de finalistas para a cobertura. Muito obrigado!

Agora, está-se a dar um arranjo na parte interior, para que reúna melhores condições. Os rapazes estão impacientes, pois faz muita falta para o Desporto e o banho geral.

**VISITANTES** — Têm vindo algumas excursões escolares visitar a nossa Casa e estar com os nossos rapazes. As contribuições deixadas ajudam esta família. Os bens alimentares e os produtos de limpeza são sempre bem-vindos.

**CONTENTORES** — Vai, por cá, uma grande azáfama na angariação de materiais para os contentores a mandar para as Casas do Gaiato de África; neste momento, tratamos do contentor para Malanje. Tem havido ofertas, como material eléctrico e livros, mas grande parte dos produtos são comprados, o que fica muito caro.



Dirigentes e atletas da Associação Desportiva de S. Pedro da Cova com alguns dos nossos rapazes do Grupo Desportivo.

**FÉRIAS DA PÁSCOA** — Acabou o segundo período escolar, em que alguns rapazes fizeram birra ao estudo e às aulas. As notas poderiam ser bem melhores. Nas férias da Páscoa, foram obrigados a estudar os mais preguiçosos.

**LICEU ALEXANDRE HERCULANO** — Este Liceu fez 100 anos! As comemorações começaram a 4 de Janeiro com uma Eucaristia, na Igreja do Bonfim, em que participou o nosso Padre Manuel, antigo aluno. No dia 15 de Março, fomos convidados a assistir a um belo espectáculo musical, no Teatro Rivoli. Agradecemos o carinho com que nos receberam; e saibam que a nossa porta está sempre aberta. Foi editado um livro do Centenário, nesse dia, com muita qualidade. Vários rapazes da nossa Casa frequentaram este grande Liceu, do Porto, durante décadas, residindo no Lar do Gaiato, da Cidade Invicta.

Ricardo Cruz

**DESPORTO** — Não é fácil agradecer a todos os dirigentes, técnicos, equipa médica e atletas da Associação Desportiva de S. Pedro da Cova, pela maneira afável como nos receberam, aquando da nossa deslocação àquela terra, para, no seu estádio, realizarmos um desafio de futebol em Família. Tudo quanto se possa dizer a este respeito é uma gota de água no oceano.

Em relação ao jogo, não podia ter corrido melhor, apesar de termos estado a ganhar por 1-3 e acabado por empatar 3-3, por causa das mexidas que fizemos, para que todos tivessem a oportunidade de jogar em campo real (não sintético) o que acontece menos vezes. Só não saímos derrotados, graças ao «Bolinhas» que por duas vezes tirou, de cima do risco de golo, golos feitos. Uma segunda parte menos boa, devido ao já referido e, também, por causa de um período menos bom do nosso guarda-redes, apesar de ter tido ao longo do desafio, defesas de grande relevo.

No final do encontro, como fosse pouca a disponibilidade de toda aquela gente, num Domingo à tarde, fomos para o restaurante, onde foi servido aos nossos atletas e aos do S. Pedro da Cova uma merenda ajantada com todo o requinte, oferecida pela direcção do clube da casa.

Ficou agendada, para a próxima folga deles, virem passar um dia a nossa Casa. Vamos tentar retribuir com todo o carinho, à nossa maneira, tal como somos e com o que temos.

Quando não se joga em casa, joga-se fora. Desta vez, os nossos Rapazes deslocaram-se a Grijó para ali se disputar mais uma partida do desporto-rei. Quando lá chegámos, ainda decorria o jogo de Infantis entre Grijó e Canelas.

No que diz respeito ao nosso jogo, não correu mal, mas podia ter corrido muitíssimo melhor, se não fosse o nervosismo de alguns dos nossos Rapazes.

A meio da primeira parte, Rogério marca o primeiro golo da partida e coloca-nos na posição de vencedores. Eles fazem o empate e logo de seguida, «Bolinhas» depois de uma bela jogada, marca o nosso segundo golo, posicionando-nos de novo à frente do marcador. Todavia, já muito perto do fim, o árbitro marcou grande penalidade contra nós, e ditou o resultado final.

Não queremos deixar de dizer que fomos muito bem recebidos e, no final do jogo, presenteados com uma merenda, o que é muito bom e agradecemos.

Alberto («Resende»)

## Setúbal

**BATATA** — O Amândio com a ajuda de dois rapazes andou a semeá-la no campo em frente à horta. O ti Zé e o «Lota» tinham-na preparado na casa-da-batata, cortando em vários bocados. O Fernando andou a lavar a terra com o tractor novo, para depois se semear.

**ÁRVORES** — Andámos a plantar laranjeiras e tangerineiras que, mais uma vez, os Viveiros de Castromil nos ofereceram. Estas árvores foram plantadas nos canteiros à frente da casa para substituir as mais velhas. Agradecemos a estas pessoas amigas a oferta.

**ESCOLA** — Já terminou o segundo período. As notas foram razoáveis, mas alguns rapazes no último período terão que se aplicar mais para passarem o ano. Os da Profissional estão a estagiar em algumas empresas do distrito de Setúbal, no estágio de final de Curso.

**VACARIA** — Vendemos mais algumas vacas e vitelos. Também mandámos um vitela para o mato-douro, que depois o Fernando, com a

ajuda de alguns rapazes, andou a desmanchar na cozinha velha. No passado Domingo comemos já alguns bifés dela.

**VIVEIRO** — Os nossos serralheiros fizeram mais um, que irá ficar junto à casa das ferramentas. Os pássaros, que vão ficar nele, chegarão brevemente. Ainda está por marcar o responsável pelo novo viveiro, que vai dar comida à passarada.

António Loureiro

## Miranda do Corvo

**RAPAZES** — O Mário esteve a estagiar em Itália e já regressou muito contente por tornar a ver os seus irmãos e os amigos.

**AGRICULTURA** — Já lavrámos as nossas terras, para semear batata, plantar couve, tomateiros e alface, para as nossas refeições.

**PÁSCOA** — Estamos no tempo da Quaresma. Neste tempo tem que se reflectir, confessar e olhar a nossa vida perante Deus.

Feliz Páscoa para todos os nossos Amigos e assinantes!

João Pedro

## Malanje

**VISITA RELÂMPAGO** — Recebemos a visita do senhor Governador, acompanhado do responsável da Sonangol, para fazer oferta de géneros alimentícios. Era o aniversário dos seus trinta anos de existência. Visitaram as instalações e ficaram satisfeitos. Um dos nossos rapazes fez questão de mostrar o novo equipamento de cozinha, montado e pronto a funcionar, fazendo o pedido. Prometeram ajudar mensalmente na entrega de três a quatro garrafas de gás de 50kg. Fez-se a carta de pedido, conforme mandam as regras, esperando resposta satisfatória.

Temos confiança neste organismo que nos financiou a construção de uma nova escola, assim como nos servirá com o gás. Obrigado à Sonangol por esta presença e compreensão e muito mais. Pela sua disponibilidade a tudo quanto nos tem ajudado.

Outra surpresa foi a vinda do nosso Padre Manuel António, da Casa do Gaiato de Benguela. Estávamos na cidade a dar voltas quando nos aparece o António, na sua viatura, pronto a levá-lo a nossa Casa. Fez-nos paragem. Não foi necessário. Assim que nos viu, saú, abraçou-nos e disse: «Vou com eles». Despede-se do António, entra na nossa viatura e fomos à TAAG confirmar o regresso a Benguela. Depois, seguimos para Casa.

Surpreendidos com a presença, perguntámos: «Porque veio?» Diz ter recebido um telefonema de Portugal a pedir que fosse a Malanje saber do estado de saúde do nosso Padre Telmo.

Realmente, ele estava de repouso, há uns dias, a fazer tratamento de soro com antibióticos. Era a febre tifóide



# Páscoa

Continuação da página 1

Telefonei à Comissão de Protecção de Menores local. Que isso, agora, era com o Tribunal. Depois, ainda por telefone, que ele estava em tal parte que o podia vir buscar. Não. Vós é que o deveis trazer. Até hoje...

Mário era uma criança aos pontapés dos avós. Uns que ele era muito rebelde, rejeitaram para a outra avó, viúva de 80 anos, a viver com o pai dele, também viúvo. Ambiente afectivo desequilibrado que ele explorava quanto podia. Tomava comprimidos para abrir o apetite e vitaminas receitados pela pediatra.

O pároco, zeloso dos Pobres, implorou-nos pela ovelhinha.

O menino vinha anémico, de olheiras fundas e tão débil que impressionava à primeira vista.

Padre Manuel Mendes pô-lo a comer à sua mesa. Nunca mais nem comprimidos nem vitaminas. Comerzinho! — peixe, carne e fruta.

Gosta de massa, então, muita massa para lhe dilatar o estômago! Três meses! Uma cara rosada! As olheiras desapareceram.

Na escola, acima da média. Na música, uma voz de raça, a Comissão de Protecção(?) dos Menores mexe-se. A Casa do Gaiato tem má nota nestes ambientes. À custa de mentiras, mil vezes repetidas, a pouco-e-pouco os mal informados vão duvidando. A Presidente quer vir cá ver! Não importa a distância, muito menos o gasto.

Há dinheiro para tudo, menos para o que é preciso! Agora, que o rapaz está bem, todos se incomodam a ver se o põem mal?! Mais dores, mais impotência!

Quem pode contra o Estado, as suas leis e os seus agentes? — Quem?

Outra situação. Um officio do Ministério Público. Processo 296/06. Assunto: Pedido de informação.

«Com vista à instrução dos autos em epígrafe, tenho a honra de solicitar a V. Excelência se digne informar se o menor abaixo indicado se encontra nesse estabelecimento e em caso afirmativo desde quando.

Menor: — Mauro Alexandre Gonçalves Lima.»

Veio para a Casa do Gaiato com o irmão de 3 anos e ele de 5 no dia 01/10/1996. Sobre o ambiente fami-

liar que motivou o seu acolhimento, retirei do processo que se refere à mãe do Mauro Alexandre, o seguinte: «Quando grávida do Wilson, a progenitora que era muito apoiada em casa de uma tia do progenitor, D. Helena, que hoje tem os menores, desapareceu da zona, só voltando a contactar já o menor Wilson era crescido.

No passado mês de Dezembro, no período natalício, a progenitora telefonou à D. Maria Helena que a convidou para passar ali a noite de Natal. No dia seguinte, alegando que iria trabalhar, a progenitora solicitou à tia que ficasse com os menores que ao fim do dia os viria buscar. No entanto, nunca mais apareceu.»

Em 10/07/2002, quando os rapazes estavam bem e evoluíam com aproveitamento escolar e educativo, o Juiz de Direito deu o seguinte despacho: «É pois de considerar, por ora desnecessária a colaboração que a Casa do Gaiato tem prestado ao aludido menor, o qual deverá ser entregue a sua mãe.»

Padre Carlos sofreu duramente o golpe, anotando na comunicação do despacho: «Assim se jogam os inocentes em risco mais que possível. Cumriu-se a 'sábria' ordem do Tribunal. 05./Ago/2002, às 11h30.»

Vêm, agora, perguntar-nos se o menor está na Casa do Gaiato? — Eles não devem saber?

Retorqui-lhes: «Respondeu ao Offício número 1800995 de 22/03/2006, junto fotocópia do desastrado despacho do colega, fulano, que ditou, contra o parecer da Casa do Gaiato, a desgraça deste miúdo e do irmão, obrigando-nos a entregá-los à mãe.

Infelizmente, estes casos repetem-se continuamente e a experiência das Casas do Gaiato é postergada pela sabedoria(?) actual dos grandes técnicos.»

É caso para perguntar aos senhores Ministros que tutelam este âmbito social se a Obra do Padre Américo não terá também o direito de lhes exigir que nomeiem uma Comissão de Acompanhamento, a qual daria contas do resultado destas decisões, incúrias, incapacidades, atropelos ao direito natural, etc., e pedir responsabilidades?

Os Pobres, por não poderem ou não saberem defender-se, não se integram no Estado Direito? — Ou a perseguição às Casas do Gaiato tem como fim acabar connosco para ficarem à-vontade!?

É a nossa Páscoa!...

Padre Acílio

que se tinha alojado no organismo proveniente de uma água que bebera em Luanda. Pensa. As Irmãs foram de uma delicadeza, nos tratamentos, e incansáveis. Desde a Irmã Socorro, que presta serviço no Hospital, às Irmãs Célia, Marlene e Josefina, com a preocupação alimentar e acompanhamento nocturno do nosso Padre Telmo. Agora, está tudo melhor. O nosso Padre Manuel António esteve connosco uns dias e partiu mais des preocupado para Benguela.

O nosso mais pequenino tem perto de cinco anos. Chamamos-lhe «Pintainho». Redondinho, com olhos muito comunicativos, muito sorridente e bem disposto. Um verdadeiro gaiato. A tarefa de limpeza aos terraços são feitas por ele e outros «Batatinhas». Logo que acabem, colocam umas pedras no terraço, a demarcar as balizas, e começam a jogar. A bola é feita de trapos com meias, voltando assim aos velhos tempos. Eles têm de recriar os seus próprios entretenimentos, pois, de outra forma, não há brincadeira. Os dias são iguais a tantos outros, daí o nosso cansaço.

Outra visita agradável. O senhor Jonas, assim se chama, responsável pela Emigração e Fronteiras, em Malanje. Um coração grande com vontade em resolver a nossa permanência temporária nesta Casa. Amigo do nosso Padre Telmo, pelo trabalho feito ao longo destes anos. Que bom ter amigos de verdade! As autoridades são, para nós, uma boa rectaguarda. Obrigado pelas visitas que nos fizeram.

Júlio Silva

## PADRE AMÉRICO Páginas Escolhidas

Continuação da página 1

compilação e ordenação desses mesmos textos». Foi um trabalho de reflexão e de arrumação de ideias que durou anos. Trabalho essencialmente sério e humilde, do que a vulgaridade não dá conta.

Agora, trata-se de uma nova edição do *PADRE AMÉRICO — Páginas Escolhidas* que em 1974 a Editorial Inova publicou; e que por devotada intervenção do Editor de então, o Jornal de Notícias prepara para lançar no próximo Verão, aquando do cinquentenário da morte de Pai Américo. Só que a primeira edição era um volume de 600 páginas e há que reduzi-lo a metade. Compreendo. Um livro tamanho poderia assustar leitores menos afeitos à leitura. Nem todos têm o fôlego deste, que é pessoa pública no Porto e responde assim a quem nestes dias lho ofereceu. «Fiquei surpreendido com a oferta do livro, que não conhecia, sobre o Padre Américo. Passei três noites de grande paz. Cada história tem um fundo moral, ou um apelo, ou uma recomendação. (...) Fez-me bem a companhia do Padre Américo. Apeteceu-me rezar e rezei. No seu lar de crianças sem nada reinava a alegria da repartição do pouco que havia. Na minha vida conheço mais casos de zangas pela incapacidade de dividir riquezas».

Compreendo, pois, que a nova edição tenha de sair reduzida, tornada mais portátil, para uma maior difusão. Eis a tarefa que se impõe: manter o mesmo Índice, ideológico por natureza, e tão adequadamente ilustrado por textos que, com muito labor e jeito foram escolhidos e classificados, vão lá mais de trinta anos, por gente para quem editar livros é paixão; e conseguir com metade dos textos e igual êxito, o objectivo daqueles: «Dar uma ordem à multidão de textos, quase todos extraídos do Jornal O GAIATO, da qual surgisse um retrato do Padre Américo com coerência e amplitude».

Não é fácil a tarefa e é cruel.

Padre Carlos

## DOCTRINA

As freguesias são núcleos indicados para a forma ordenada de bem servir o Pobre



ERA uma quinta-feira. Talvez por ser este o dia em que os Pobres ali pedem, é que eu topei um ror deles caminho em fora. Todos traziam no semblante o «atestado de pobreza». Ninguém se enganava dando-lhes esmola, mesmo que o seu intento fosse enganar. É um espectáculo de todos os tempos, a bicha do pedinte. Feiras, romarias, estradas: — «Olha, tão aleijadinho!» Fátima, em dias de grande movimento, redobra. A gente senta-se para comer o farnel e eles também! Isto é o que nós observamos. Mas serão, de facto, caminhos e arraiais os lugares adequados para socorrer pedintes?

**P**OR muito se facilitar este estado de coisas é que tantos se entregam à vida fácil do pedinchar, a pontos de deixarem grandes pecúlios escondidos nos farrapos. E assim é que pela nossa incúria fomentamos estes males, com a agravante de os tomar à conta de um bem: — «Tome lá, coitadinho!» Se me fosse permitido dar uma opinião a este respeito, eu diria que não. Nunca dei uma nos caminhos sem saber a quem; e da mesma sorte à porta das nossas Casas. Quantas pragas não tenho ouvido? Que de vezes malsinado? Não importa. O conhecimento da verdade leva-nos a repudiar a mentira.

A indigência dos nossos Irmãos é coisa tão santa que não deve andar pelas praças nem ser nas praças atendida. Eles mesmo, os Pobres, seriam mais amigos de a esconder se nós tivéssemos o zelo de a procurar. Sairiam menos vezes, se nós entrássemos com frequência em suas casas. É o aparato do nosso dar que necessariamente cria a mesma coisa no pedir.

**M**AS ele há uma terrível verdade acerca dos Pobres: é que os havemos de ter sempre à nossa beira. Eles são um bem necessário; eles, os que fornecem a matéria no Supremo Tribunal, quando o Justo Juiz vier pedir contas a cada um. Não podemos passar sem Pobres; tão pouco passar sem olhar para os Pobres. Da compreensão desta verdade eterna depende a nossa atitude perante os irmãos indigentes, mai-la forma de os remediar. Ora vamos aqui um bocadinho à pedra, com licença dos alunos.

*P. Américo*

(Do livro *Doutrina*, 1.º vol.)

## Moçambique

Continuação da página 1

construção de uma nova sociedade.

Uma sociedade que sorri esperançada.

Muito obrigado pelo maravilhoso trabalho que estão fazendo. José Manuel Molina, Embaixador de Espanha.»

Perante tais testemunhos, que traduzo à letra, que os nossos Padres de Portugal e os Amigos da Obra rejubilem, ao enfrentar tão maus juízos que outros personagens, de outro Governo e não só, proferem de descrédito à nossa Obra da Rua.

Sei como se apresenta sombrio o futuro das Casas do

Gaiato, dado o descrédito e, porque não dizer, desconfiança que, até por parte da Igreja, se começa a manifestar. Somos da Igreja! Ela é que é a Mãe e dá o seio, dizia, com estas ou palavras semelhantes, Pai Américo. Será que envelheceu também? O Papa Bento XVI realça, na Sua Encíclica, que os engajados nas Obras da Igreja, se não o fazem com amor e renúncia, para tomar cada dia o seu trabalho, não são testemunhos do Amor de Cristo. Mas «quem nos separará do amor de Cristo?», perguntava-se São Paulo, no seu tempo.

Padre José Maria



## Benguela

## O Folar mais rico

**Q**UANDO teus olhos poissarem nestas Notas, estamos a celebrar a Festa da Páscoa. O meu desejo é oferecer a cada um dos leitores o Folar mais rico que posso dispor. Foi-me apresentado, hoje de manhã. É um bebé, de pouco mais de um mês. Lindo, muito lindo, como são todos os bebés. A mãe não tinha onde o deixar. Acolhi-o no meu coração e entreguei-o ao Infantário, onde a Irmã Rosalina assumiu o lugar da mãe, por todo o tempo que lá estiver. Ele é vosso também. Necessita de tudo.

Quem dera todos vivéssemos a Páscoa, afastando a pedra do sepulcro do nosso egoísmo! Quem dera jorrasse do centro da nossa vida a riqueza humana do coração que nos põe em comunhão com os mais pobres! Quem dera nos deixássemos comover e estar junto de todos os bebés que esperam tudo, tudo o que somos e temos! Ou não somos nada? Ou não temos nada? Aquele bebé que vos ofereço como o folar mais rico da Páscoa é um símbolo real de todos os que nascem para viver. Não têm conta os que nascem e morrem indigna-

mente, porque tudo lhes falta. Aos que sabemos e, por isso, conhecemos, ajudamos até ao fim.

Estamos longe, no espaço. Milhares de quilómetros nos separam. Para quem ama, de verdade, não há tempo, nem distâncias. É a família, de longe e de perto. De fora e de dentro. Oh, quem dera nos sentíssemos membros da mesma família! Quanto mais juntos e unidos, maiores somos. Mais ricos em humanidade. Quando falo desta maneira, tento dar a verdadeira dimensão do ser humano. A humanidade dos outros também é minha. Se sofre, também sofro. Se passa privações, não posso sentir-me alheio. Todos são pessoas. Como posso aceitar pacificamente tamanha desigualdade? Como posso viver tranquilo? Tranquila? Se temos Fé, vamos ainda mais além. Todos somos irmãos. A inquietação aumenta.

A propósito, parece-me ver, no horizonte de Angola, uma nuvem ameaçadora. Tenho medo. Não é a guerra das armas. Não! É a cena do rico avarento e do pobre Lázaro. Aflige-me. A mãe-terra grita e diz que tem riqueza em

abundância para que todos os filhos possam comer à mesa, com dignidade. Migalhas? Não. Necessito muito do vosso apoio para ter força e juntar a minha voz ao silêncio de tantos filhos e filhas! Não são capazes doutra forma de comunicação. Só o silêncio!

Tenho ouvido falar em investimentos estrangeiros astronómicos. Muitos empresários buscam os melhores lugares para pôr a render o seu capital. Contudo, que será de Angola se as empresas não tiverem como meta o desenvolvimento da Nação. Falo, de propósito, em nação, porque estou a ver o seu povo. Só há desenvolvimento autêntico, na medida em que todo o povo participa da riqueza produzida. Quem dera aparecesse nos relatórios das contas dos conselhos de administração das empresas a porção destinada ao apoio às estruturas sociais que se dedicam exclusivamente à promoção humana. Quem dera, por outras palavras, que a cultura da solidariedade fosse a pedra de diamante do edifício empresarial.

Não quero fugir da vida que diariamente vem ao meu encontro. Estou a preparar o nascimento, em nossa Casa, de seis filhos que vêm do Abrigo dos Pequenos. Queremos, deste modo, ajudar Angola a crescer. Não tememos. Confiamos! Votos de Páscoa cheia de Paz e Alegria!

Padre Manuel António

## Setúbal

## Sachinhos nas pedras da calçada

**O**IÇO lá fora os sachinhos batendo nas pedras da calçada, procurando arrancar as ervas daninhas que entre elas foram crescendo. Outros ruídos do labor dos rapazes, em tempo de férias, vão chegando aos meus ouvidos, enquanto compo-nho estas notas; uma paz de espírito, que não sei explicar.

Sei-os todos ocupados. Sem os ver, vejo-os nas suas tarefas, que após o pequeno-almoço o chefe destinou a cada um deles.

E também o som de assobios chamando a lady, cadelita que corre o colo de quase todos eles. A estes juntam-se os pássaros, perfeitamente enquadrados com os deles. O ambiente é de paz.

Sei que estaria aflito, inquieto, se nada tivessem que fazer. Nesse caso, teria de os dispersar sei lá por onde. Se ociosos, só em jogos e divertimentos, estaria a formar inúteis e gente infeliz. Como é enganador o fruto do ócio e da passividade.

Daqui a poucas horas, a sineta tinirá para o almoço, entretanto

preparado por um grupo de outros rapazes, orientados pela senhora. Não lhes faltará o apetite e o gosto de comer o pão produzido por suas mãos.

Depois, para os mais velhos, haverá café e uma partida de bilhar ou de cartas, no nosso bar. Tempo saboroso, saboreado por cada um a seu belo prazer. É também certo que a bola não terá descanso, neste período do dia, pois os rapazes nunca lhe dão tréguas em seus tempos de brincadeira.

A nossa vida é sempre cheia. São raros os momentos de descanso para quem tem nela responsabilidades. É verdadeiramente uma seara, em que os trabalhadores são poucos — daí a nossa prece ao Dono da Seara para que mande trabalhadores para a Sua seara!

Num tempo em que os campos são deixados ao abandono, não deixemos que aconteça o mesmo às searas do Senhor. A nossa do Tojal, vai seguindo esse rumo...

Padre Júlio

## Malanje

## Os Pobres continuam

**A**PESAR da paz, os Pobres continuam. «Pobres tereis sempre convosco».

É nas sextas-feiras: um velho e doente, dois coxos, uma cega com os filhos e dois diminuídos. Estes certos. Outros por acréscimo.

«Porque não ides aos serviços sociais?» Não sabemos, nós somos daqui. O senhor é o pai. Mesmo que me irrite, continuo a ser; eles não se importam. Assim Deus me perdoe.

Penso nos Pobres do mundo... Milhões que passam fome nascida das guerras. Os países ricos fazem armas e põem nas mãos de homens e crianças. Lembro a nossa cidade durante a guerra, nas noites assistíamos a um fogo de artifício com balas incendiárias.

Infantis, estamos sustentando os caprichos, o luxo e o bem-estar dos países ricos.

Lembro a história do menino do polegar de ouro. Onde ele metesse o dedinho nasciam flores. O pai era dono duma fábrica de armas. O menino pôs o dedo em todas as juntas e buracos dos canhões. A fábrica fornecia armas a duas cidades em guerra e num

momento certo os canhões começaram a disparar flores! Bonito! A guerra acabou.

Não vai acontecer no nosso tempo. Todas as nações se estão armando até aos dentes. Triste fim o do nosso pobre Planeta.

## O Senhor aumente a nossa fé

**S**ANTO tempo da Quaresma, já poucos a vivem em intensidade. Em vez de sinos, música; no lugar da penitência — vamos gozar o Sol, saudar a Primavera.

Quarenta dias de deserto! O deserto é duro. Implica uma luta contra o consumismo; debruçamo-nos um pouco sobre os outros; a fuga ao pecado e aos prazeres. Preparação para a Páscoa! Centro da nossa fé. Mas ainda fé? Sem dúvida. Mas que o Senhor aumente a nossa fé.

Padre Telmo

## Tribuna de Coimbra

## Quaresma — peregrinação interior

**A** Quaresma, essa espécie de «peregrinação interior», como alguém a apelidou, este ano, está quase a terminar. Praticamente, ficamo-nos pelos primeiros passos, tão sugados vivemos pela força da «paisagem»... Apesar disso, este tempo de «peregrinação interior» — a expressão é feliz — envolve-nos de tal maneira que ficamos com a sensação de que isto mesmo deveria ser a nossa vida toda — peregrinação.

É um despertar nostálgico, de regresso e de reencontro às fontes e ao essencial, mas que só se alcança se nos deslocarmos, aceitando o desconforto da mudança.

E trazemos tanta carga inútil; tanta poeira acumulada! Maravilhoso este tempo que nos acena a Páscoa do Senhor, sempre nova e surpreendente. Contracenam, admiravelmente, no palco da vida, a dor do pecado e o bálsamo da redenção; o vazio e a ânsia de plenitude: «diz-nos Maria que vieste

pelo Caminho?...» Anda já por aí a rondar, em madrugadas perfumadas, de fogo e de luz pascal, o «Jardineiro» Imortal. Ei-lo de novo, de regresso ao Horto para colher açucenas e lírios e levá-los para a Casa do Pai; para a sala do banquete das núpcias do Cordeiro.

Nós vamos também, é Sua a voz que nos chama pelo nome. Entramos, vamos com Ele; saboreamos o pão do Seu amor. É a Sua Páscoa; a nossa passagem.

Padre João

## Calvário

## Olhares

**N**A crista dos cedros poissam, serenas e descontraídas, algumas rolas mansas. Lá, do alto, espreitam o nosso viver. Certamente, tudo lhes parece calmo e, por isso, cantam.

Também gostava de ver, lá de cima, esta Casa. A visão é diferente. O que é alto, parece baixo; o que é grande, torna-se pequeno; e o que é pequeno, quase desaparece.

Muita boa gente entra em nossa Casa. Muitos olhares passam revista ao que isto é e àquilo que estamos a fazer.

Ora cada um que chega, vê as coisas com os olhos que tem e na perspectiva em que se coloca.

Para uns, é o património que seduz. Para outros, é o aldeamento em granito que chama a atenção. Uns, encantam-se com a natureza que nos envolve; outros, observam os equipamentos, procuram os técnicos, o pessoal de serviço e fazem sobrolho — como é possível sobreviver com tão escassos apoios?

Muitos encaram os doentes como seres estranhos e, por vezes, voltam a cara para não os verem.

Há, no entanto, quem se sinta pequeno ao lado deles, por via da alegria que transmitem, da simplicidade com que preenchem o tempo. Olham-nos como irmãos. E de olhos límpidos, beijam as suas faces.

São olhares diversos que traduzem o estado de alma de cada um.

Olhar o técnico, do homem de negócios, do rico ou do pobre, do homem de salão ou do homem da rua, do crente ou do agnóstico é diverso. O ângulo de visão em que se colocam é diferente. E é natural que assim seja.

Perante a mesma realidade, uns, encantam-se; outros, sentem frustração; uns, descobrem o lado positivo; outros, só vêem o lado negativo. A educação de hoje não leva o homem a ver sempre o lado bom. Pelo contrário.

É útil recordar o que Jesus nos disse a este respeito: — *A lâmpada do corpo é o olho; se o teu olhar estiver são, todo o teu corpo andarás iluminado. Se, porém, o teu olho for mau, todo o teu corpo andarás em trevas.*

As rolas, de olhar límpido, sempre que podem, cantam aleluias.

Padre Baptista